

DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO *THE WALL STREET JOURNAL*

“Ótimo panorama sobre a evolução do pensamento econômico,
com muito debate sobre o papel do governo.” – *Quartz*

A HORA DOS ECONOMISTAS



**FALSOS PROFETAS, LIVRE MERCADO
E A DIVISÃO DA SOCIEDADE**

Binyamin Appelbaum

“Uma maravilha da escrita histórica para o grande público, com humor, a
quantidade certa de explicações e baseada nos mais recentes estudos de
historiadores, sociólogos e outros acadêmicos.” – *The New York Times*

A HORA DOS
ECONOMISTAS

A HORA DOS ECONOMISTAS



FALSOS PROFETAS, LIVRE MERCADO
E A DIVISÃO DA SOCIEDADE

Binyamin Appelbaum



SEXTANTE

Título original: *The Economists' Hour*

Copyright © 2019 por BKMT LLC
Copyright da tradução © 2023 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Teresa Dias Carneiro
preparo de originais: Melissa Lopes
revisão: Luis Américo Costa e Luíza Côrtes
diagramação: Valéria Teixeira
capa: Jonathan Bush
imagem de capa: koya79 | Getty Images
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

Os editores agradecem ao professor José Francisco de Lima Gonçalves, da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, pelos esclarecimentos.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A656h

Appelbaum, Binyamin, 1978-
A hora dos economistas / Binyamin Appelbaum ; tradução Teresa
Dias Carneiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Sextante, 2023.
432 p. ; 23 cm.

Tradução de: The economists' hour
ISBN 978-65-5564-571-2

1. História econômica. I. Carneiro, Teresa Dias. II. Título.

23-82178

CDD: 330.9
CDU: 330(09)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@sextante.com.br
www.sextante.com.br

Para meus pais, minha companheira e meus filhos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE I	25
CAPÍTULO 1 Mercados para tudo	26
CAPÍTULO 2 Friedman versus Keynes	51
CAPÍTULO 3 Uma nação subempregada	71
CAPÍTULO 4 Representação sem taxaço	97
PARTE II	133
CAPÍTULO 5 Nas grandes empresas confiamos	134
CAPÍTULO 6 Libertaço da regulaço	163
CAPÍTULO 7 O valor da vida	187
PARTE III	217
CAPÍTULO 8 Dinheiro, problemas	218
CAPÍTULO 9 Fabricado no Chile	254
CAPÍTULO 10 Peixes de papel	285
CONCLUSÃO	315
AGRADECIMENTOS	333
NOTAS	346

INTRODUÇÃO

“Quando a ciência moderna surgiu, o cristianismo medieval era um sistema abrangente e completo que explicava tanto o homem quanto o universo. Servia de base para o governo, inspirava o conhecimento e a arte, decidia sobre a guerra e a paz, constituía o poder por trás da produção e da distribuição de riqueza, porém nada disso foi suficiente para impedir seu desmoronamento.”

– MICHEL HOUELLEBECQ, *Partículas elementares* (1998)¹

“Consigo calcular o movimento dos corpos celestes, mas não a loucura das pessoas.”

– ISAAC NEWTON (1720)

No início da década de 1950, um jovem economista chamado Paul Volcker trabalhou como calculadora humana em um escritório enfurnado no Federal Reserve Bank de Nova York. Ele processava números para outras pessoas que tomavam decisões e dizia para a esposa que via pouca chance de subir na carreira.² A liderança do banco central era composta por banqueiros, advogados e um criador de porcos de Iowa, mas nem um único economista.³ O presidente do Fed, William McChesney Martin, era um corretor da Bolsa que tinha uma má impressão sobre esse tipo de gente. “Temos cinquenta econometristas trabalhando para nós no Fed”, disse a um visitante. “Eles estão todos no subsolo deste prédio, e há um motivo para isso.” Eles estavam no prédio, disse ele, porque faziam boas perguntas. E estavam no subsolo, continuou, porque “não conhecem suas limitações e possuem uma confiança em suas análises muito maior do que considero razoável”.⁴

A antipatia de Martin pelos economistas era amplamente compartilhada entre a elite americana de meados do século passado. O presidente Franklin Delano Roosevelt demitiu pessoalmente John Maynard Keynes, o mais

importante economista de sua geração, por ser um “matemático” sonhador.⁵ O presidente Dwight D. Eisenhower, em seu discurso de despedida, incitou os americanos a manter os tecnocratas longe do poder, advertindo que “as políticas públicas poderiam ficar cativas de uma elite científico-tecnológica”. O Congresso recebia pareceres de economistas, mas, via de regra, não os levava muito a sério. “A ciência econômica era vista entre os principais formuladores de políticas públicas, sobretudo no Capitólio, como um campo esotérico que não conseguiria fazer a ponte para a resolução de problemas preocupantes específicos”, escreveu um assessor do senador do Wisconsin William Proxmire, um líder democrata, no início dos anos 1960.⁶

Quando C. Douglas Dillon, secretário do Tesouro dos Estados Unidos, encomendou dois estudos em 1963 sobre potenciais melhorias do sistema monetário internacional, ele sugestivamente recusou-se a consultar economistas acadêmicos. Outro funcionário explicou que o conselho deles “era praticamente inútil para os responsáveis pela tomada de decisões”.⁷

Naquele mesmo ano, a Suprema Corte manteve a decisão do governo de impedir a fusão de dois bancos da Filadélfia a despeito da evidência de que a fusão geraria benefícios econômicos. A Corte descreveu os dados econômicos como irrelevantes.⁸

PORÉM, UMA REVOLUÇÃO ESTAVA a caminho. Os economistas que acreditavam no poder e na glória dos mercados estavam no limiar de um aumento de influência que transformaria a atividade do governo, a conduta nos negócios e, em consequência, os padrões da vida cotidiana.

Conforme o quarto de século de crescimento que se seguiu à Segunda Guerra Mundial chegava ao fim na década de 1970, esses economistas convenceram líderes políticos a reduzir o papel do Estado na economia – e a confiar que os mercados iriam gerar melhores resultados do que os burocratas.

A economia é com frequência chamada de “ciência triste” por sua insistência de que é preciso fazer escolhas diante da escassez de recursos. No entanto, a verdadeira mensagem da economia, e o motivo de sua popularidade, é a promessa sedutora de que ela pode ajudar a humanidade a afrouxar as amarras da escassez. Os alquimistas prometiam transformar chumbo em

ouro; os economistas disseram que poderiam fazer isso do nada, por meio da formulação de políticas melhores.

Nas quatro décadas transcorridas entre 1969 e 2008, um período que chamo de a “Hora dos Economistas” tomando emprestada a expressão do historiador Thomas McCraw, os economistas tiveram um protagonismo em limitar a tributação e os gastos públicos, desregulando amplos setores da economia e abrindo caminho para a globalização.⁹ Foram eles que convenceram o presidente Richard Nixon a pôr fim ao serviço militar obrigatório. Pressionaram o Judiciário federal a abandonar a observância das leis antitruste. E até mesmo persuadiram o governo a atribuir um valor em dólares à vida humana – cerca de 10 milhões de dólares em 2019 – para determinar se as regulamentações eram válidas.

Os economistas também se tornaram formuladores de políticas. Arthur F. Burns substituiu Martin como presidente do Fed em 1970, inaugurando uma era em que economistas – incluindo Volcker – dirigiram o banco central.¹⁰ Dois anos depois, em 1972, George Shultz se tornou o primeiro economista a atuar como secretário do Tesouro, cargo anteriormente ocupado por Dillon.¹¹ O número de graduados em economia empregados pelo governo dos Estados Unidos aumentou de cerca de 2 mil em meados da década de 1950 para mais de 6 mil no fim da década de 1970.¹²

Os Estados Unidos foram o epicentro da efervescência intelectual e o principal laboratório para a tradução de ideias em políticas, mas o endosso dos mercados como a cura para a estagnação econômica foi um fenômeno global, arrebatando a imaginação de políticos em países como Reino Unido, Chile e Indonésia. Os Estados Unidos começaram a eliminar a regulação de preços pelo governo em meados da década de 1970. Ao fim da década, a França permitiu que os padeiros definissem o preço das baguetes pela primeira vez na história desse país.¹³

Até mesmo o maior país comunista do mundo se juntou à revolução. Em setembro de 1985, o líder chinês Zhao Ziyang convidou oito proeminentes economistas ocidentais para um cruzeiro de uma semana no rio Yang-tse com boa parte da elite de formuladores de políticas econômicas da China. Mao Tsé-tung pregara que considerações econômicas estavam sempre subordinadas a considerações políticas. As discussões daquela semana ajudaram a convencer uma nova geração de líderes chineses a pôr mais fé nos mercados, catalisando a construção pela China de sua versão de uma economia baseada no mercado.¹⁴

ESTE LIVRO É UMA biografia da revolução. Alguns protagonistas são relativamente famosos, como Milton Friedman, que teve uma influência maior sobre a vida americana que qualquer outro economista da sua era, e Arthur Laffer, que, ao esboçar uma curva em um guardanapo de papel em 1974, ajudou a tornar cortes fiscais um produto básico da política econômica republicana. Outros podem ser menos conhecidos, como Walter Oi, um economista cego que ditou para sua esposa e seus assistentes alguns dos cálculos que convenceram Nixon a pôr fim ao serviço militar obrigatório; Alfred Kahn, que desregulamentou as viagens aéreas e desfrutou as cabines apertadas e lotadas em voos comerciais como prova de seu sucesso; e Thomas Schelling, um pioneiro da teoria dos jogos que convenceu o governo Kennedy a instalar uma linha direta com o Kremlin – e descobriu uma forma de definir um valor em dólares para a vida humana.

Este livro é também uma apuração das consequências.

Esse endosso dos mercados tirou bilhões de pessoas no mundo todo da extrema pobreza. Nações se uniram pelos fluxos de bens, dinheiro e ideias, e a maior parte dos 8 bilhões de pessoas no mundo vive uma vida mais próspera, mais saudável e mais feliz graças a isso. Empresários chineses comem salmão chileno; crianças na Índia tomam medicamentos produzidos em Israel; camaroneses veem seus conterrâneos jogarem basquete na NBA. A mortalidade infantil é mais baixa hoje do que em 1950 em todos os países.

Os mercados fazem com que seja mais fácil as pessoas obterem o que querem quando querem coisas diferentes, uma virtude particularmente importante em sociedades pluralistas que valorizam a diversidade e a liberdade de escolha. E os economistas têm usado os mercados para prover soluções elegantes para problemas relevantes, como fechar o buraco na camada de ozônio e aumentar o número de rins disponíveis para transplante.

Mas a revolução dos mercados foi longe demais. Nos Estados Unidos e em outras nações desenvolvidas, ela chegou em detrimento da igualdade econômica, da saúde da democracia liberal e das futuras gerações.

Os economistas orientaram formuladores de políticas a focar na maximização do crescimento sem levar em conta a distribuição dos ganhos – a se concentrar mais no tamanho do bolo do que no tamanho das fatias. Charles L. Schultze, presidente do Conselho de Consultores Econômicos do presidente Jimmy Carter, afirmou que os economistas deveriam lutar por políticas eficientes “mesmo quando resultam em perdas de rendimento significativas

para grupos específicos – o que normalmente acontece”.¹⁵ Keith Joseph, um dos principais assessores da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, declarou que o Reino Unido precisava de mais milionários e mais falências. “Se quisermos reduzir a pobreza neste país e elevar nosso padrão de vida”, disse ele, “precisamos de mais desigualdade do que temos agora.”¹⁶

O remédio não funcionou. Nos Estados Unidos, o crescimento desacelerou a cada nova década durante o meio século descrito neste livro, de uma média anual de 3,13% nos anos 1960 para 0,94% nos anos 2000, considerando a inflação e o aumento da população.¹⁷

Algumas poucas pessoas ficaram mais ricas do que Cresco ousaria sonhar, mas a classe média agora possui motivos para acreditar que seus filhos terão vidas menos prósperas.* Meu pai nasceu em 1951. Cerca de 75% dos homens americanos nascidos naquele ano ganhavam mais dinheiro aos 30 anos do que seus pais na mesma idade. Eu nasci em 1978. Apenas 45% dos homens americanos nascidos naquele ano ganhavam mais do que os pais aos 30 anos. Para meus filhos e a geração deles, a perspectiva é ainda mais desanimadora.¹⁸

Na busca por eficiência, os formuladores de políticas também subordinaram os interesses dos americanos como produtores aos interesses dos americanos como consumidores, trocando empregos bem remunerados por produtos eletrônicos de baixo custo. Isso, por sua vez, esgarçou o tecido social e a viabilidade de governança local. Comunidades atenuam as consequências da perda de empregos individuais; uma das razões pelas quais demissões em massa são tão penosas é que a comunidade também é com frequência destruída. A perda total é maior do que a soma das partes.

E a ênfase no crescimento, agora, tem vindo em detrimento do futuro: cortes fiscais geraram pequenas explosões de prosperidade momentânea em prejuízo dos gastos com educação e infraestrutura; limitações à regulamentação ambiental preservaram os lucros das empresas, mas não o meio ambiente.

Talvez a medida mais gritante do fracasso de nossas políticas econômicas, porém, seja a de que a expectativa de vida do americano médio está em

* A desigualdade aumentou em todo o mundo desenvolvido, refletindo vários fatores, inclusive a marcha do progresso tecnológico e da globalização. Este livro argumenta que a política econômica – e a dos Estados Unidos em particular – desempenhou um papel de protagonismo, tanto por encorajar essas tendências quanto por fracassar em amenizar as consequências. Compartilho a visão do historiador econômico Karl Polanyi de que uma função crucial do governo é limitar o ritmo da mudança.

declínio, já que a desigualdade de riqueza foi cada vez mais se tornando desigualdade de saúde. Entre os americanos mais ricos, a expectativa de vida aumentou em 20% de 1980 a 2010. No mesmo período, esse mesmo indicador diminuiu para os 20% mais pobres. Um dado chocante é que a diferença de expectativa de vida entre as mulheres americanas pobres e as ricas foi ampliada nesse período de 3,9 anos para 13,6 anos.¹⁹

AS ORIGENS DA ECONOMIA como disciplina estão intimamente ligadas à ascensão da democracia liberal. Governos do povo, pelo povo e para o povo começaram a substituir coerção por persuasão. Em sua história cultural da República Holandesa no século XVII, Simon Schama descreveu uma mudança marcante nas cerimônias de Estado, que se tornaram “públicas em vez de privadas, empoladas em vez de mágicas, didáticas em vez de ilusionistas”. O economista inglês William Petty, a quem Karl Marx chamou de “fundador da economia política”, se mostrou útil, primeiramente para a Commonwealth e depois para o rei Carlos II, ao mensurar o patrimônio privado para embasar e justificar a crescente dependência do Estado da tributação.²⁰

Simpatizantes começaram a se basear na linguagem da economia a fim de reunir apoio público para suas ideias e mudar as políticas governamentais. A primeira grande obra de economia, publicada em 1776, foi intitulada *A riqueza das nações* porque Adam Smith detinha uma receita para aumentar essa riqueza: livres mercados e livre-comércio. Poucas décadas depois, em 1817, o economista David Ricardo aprimorou o argumento, defendendo que as nações prosperariam abandonando a produção de algumas mercadorias e concentrando-se em áreas com “vantagem comparativa”. O restante poderia ser importado. Essa ideia eletrizou os oponentes das Leis dos Cereais na Grã-Bretanha, que limitavam as importações de grãos. Eles divulgaram o evangelho de Ricardo usando uma nova tecnologia, o selo postal, que facilitou a distribuição de uma nova revista, *The Economist*.²¹ A decisão do primeiro-ministro Robert Peel em 1846 de acabar com as Leis dos Cereais é provavelmente o primeiro exemplo de economistas reformulando políticas públicas.

A influência dos economistas cresceu com a disponibilidade de dados, como uma planta trepadeira se enroscando em um pé de milho. Os governos sabiam pouco sobre as próprias nações na aurora da era moderna. Eles tinham apenas uma vaga ideia de quantas pessoas viviam em seus países,

quanto ganhavam, qual era seu patrimônio.²² Em um trecho memorável e indignado do livro *A democracia na América* (1835), Alexis de Tocqueville zombou até mesmo da ideia de que se pudesse quantificar a riqueza dos Estados Unidos. Afinal, escreveu ele, esse tipo de informação não estava disponível nem mesmo acerca dos países europeus. No entanto, as nações aos poucos começaram a coletar estatísticas – uma palavra que originalmente significava “informações sobre o Estado”. Em 1853, o governo americano contratou um dos primeiros professores de economia do país, James D. B. De Bow, para analisar os resultados do censo decenal, que havia reunido mais dados do que edições anteriores, incluindo a primeira contagem rigorosa do número de hectares cultivados.²³

O trabalho estatístico de De Bow ajudou a transformar o debate político sobre a escravidão. Em um livro polêmico de grande sucesso de vendas e altamente influente de 1857, *The Impending Crisis of the South* (A crise iminente do Sul), um jovem sulista chamado Hinton Helper usou os dados do censo para argumentar que a escravidão era ruim para o Sul. Na visão de Helper, o problema fundamental com a propriedade privada de escravos não era a imoralidade, mas a ineficiência.²⁴

Nos 75 anos seguintes, os formuladores de políticas depositaram sua fé no mercado. O governo aos poucos expandiu seu papel na economia, criando uma moeda nacional e depois um banco central; estabelecendo reguladores federais, primeiro para ferrovias e depois para uma gama crescente de outros ramos; e legislando limites sobre monopólios. Contudo, o governo continuou a ser um ator pequeno e periférico. No momento em que o país começou a afundar na Grande Depressão, o Congresso continuava a carecer de informações básicas sobre a economia. Em 1932, encomendou uma estimativa do declínio da atividade econômica ao economista Simon Kuznets, que relatou em janeiro de 1934 que a renda nacional havia sido reduzida pela metade de 1929 a 1932. Os dados eram de dois anos antes, mas ainda pareceram preciosos. O governo imprimiu 4.500 exemplares do relatório, que rapidamente se esgotaram.²⁵

A PARTIR DA PRIMEIRA metade do século XX surgiu um consenso político de que os governos deveriam desempenhar um papel muito maior na administração da economia durante a segunda metade. Os excedentes e desigualdades das décadas anteriores e depois os cataclismos dos anos 1930 e 1940 haviam

diminuído a fé das pessoas nos mercados. A economia fora tratada como uma cadeira de balanço que pode se mover para a frente e para trás, mas que confiavelmente voltava para o mesmo lugar. Keynes deixou sua marca ao defender que a economia se assemelhava mais a uma cadeira de rodas: depois de disrupções inevitáveis, a mão do governo era necessária para fazer a cadeira voltar ao seu lugar. A economia exigia gestão cuidadosa tanto nos tempos bons, para evitar a distribuição desigual da prosperidade, quanto nos tempos ruins, para limitar o sofrimento. Os conservadores daquele tempo defendiam aumentos menores na regulação estatal e nos gastos com programas de bem-estar social.

O governo dos Estados Unidos estendeu a regulação a grandes áreas da atividade econômica. Caminhoneiros autorizados pela Comissão Interestadual de Comércio a transportar filme exposto precisavam de uma licença específica para carregar filme não exposto. Reguladores antitruste impediram que empresas de porte médio fizessem fusões e tentaram desmembrar empresas dominantes como a Aluminum Company of America. Empresas de tecnologia como a AT&T eram obrigadas a compartilhar descobertas com suas concorrentes. O setor bancário, acusado de causar a Depressão, foi colocado em “liberdade condicional”.

Os formuladores de políticas buscavam conscientemente limitar a desigualdade. Em 1946, o Congresso aprovou uma lei que exigia que o governo reduzisse o desemprego. Além disso, impôs um imposto de renda acentuadamente progressivo, entre outros tributos, que coletava mais da metade da renda dos que ganhavam mais. A ascensão do movimento trabalhista, legitimada pelo governo durante a Grande Depressão, ajudou a garantir que os trabalhadores prosperassem junto com os acionistas. Mais de um quarto dos assalariados americanos era sindicalizado na década de 1950, inclusive um decadente astro do cinema chamado Ronald Reagan, que esteve à frente do Sindicato dos Atores de Cinema.

O governo também buscava mitigar os efeitos da desigualdade garantindo que as pessoas tivessem oportunidades de ascensão social e auxiliando aquelas em dificuldades. Os gastos federais como parcela da atividade econômica total do país dobraram de 1948 a 1968, passando de 10% para 20%. Os Estados Unidos construíram um sistema de rodovias interestaduais, subsidiaram a expansão da aviação comercial e assentaram as bases para a ascensão da internet. O governo também investiu pesadamente em educação, assistência de saúde

e previdência: ele queria mostrar que poderia melhorar a vida das pessoas comuns ainda mais do que seus rivais comunistas.

Por cerca de um quarto de século os americanos viveram uma era de grande prosperidade. Houve vários problemas – inclusive a subordinação jurídica, social e econômica de mulheres e afro-americanos –, mas os ganhos econômicos foram amplamente compartilhados. Os estrangeiros notavam o verniz igualitário da sociedade americana: chefes e funcionários dirigiam carros semelhantes, usavam roupas semelhantes e sentavam-se nos mesmos bancos de igreja. Os Estados Unidos eram uma cidade industrial e Wall Street era a parte dessa cidade onde homens modestamente remunerados geriam o dinheiro de outras pessoas. Cerca de um quinto da população americana se mudou para uma casa nova em algum ano desse período e a maioria dos americanos conseguiu ascender na escala econômica durante a vida. Em Detroit, a indústria automobilística elevou uma geração de trabalhadores à classe média e os carros os transportaram para viver nos subúrbios, os bairros residenciais mais ricos nos arredores das cidades.

OS ECONOMISTAS COMEÇARAM A entrar para o serviço público em grande quantidade durante o New Deal e a Segunda Guerra Mundial. Eles ajudaram a definir onde estradas e pontes deveriam ser construídas e quais deveriam ser destruídas. O economista Arnold Harberger se recorda de que um amigo chegou a Washington durante a guerra e encontrou o parque National Mall cheio de abrigos militares metálicos. “O que é isso?”, perguntou ele. “Ah, é onde ficam os economistas”, foi a resposta.²⁶

Como os formuladores de políticas e os burocratas estavam enfrentando dificuldades para gerir a rápida expansão do governo federal, começaram a confiar nos economistas para racionalizar a administração das políticas públicas. Aos poucos os economistas também passaram a exercer influência sobre as metas dessas políticas. Os discípulos de Keynes convenceram os formuladores de que o governo poderia aumentar a prosperidade desempenhando um papel maior na economia. O apogeu dessa “economia ativista” nos Estados Unidos ocorreu em meados da década de 1960 sob as presidências de John F. Kennedy e Lyndon B. Johnson, que reduziram impostos e aumentaram investimentos em um esforço agressivo para estimular o crescimento econômico e diminuir a pobreza.

Por alguns anos, o efeito pareceu quase mágico. Então o desemprego e a inflação começaram a aumentar juntos. No início da década de 1970, a economia americana titubeava – e o Japão e a Alemanha Ocidental ressurgiram. “Não podemos competir na fabricação de automóveis, de aço ou de aviões”, disse o presidente Nixon, irritado. “Então vamos acabar só fabricando papel higiênico e pasta de dentes?”²⁷ Nixon e seus sucessores, Gerald Ford e Jimmy Carter, continuaram tentando pôr em prática as prescrições intervencionistas dos keynesianos até que alguns dos próprios keynesianos desistiram. Juanita Kreps, uma economista que ocupou o cargo de secretária de Comércio no governo Carter, contou ao *The Washington Post* que, quando se afastou do cargo em 1979, sua confiança na teoria econômica keynesiana estava tão abalada que não planejava retomar seu cargo de professora do quadro permanente na Universidade Duke. “Não sei mais o que ensinar”, disse ela. “Perdi a fé.”²⁸

OS ECONOMISTAS QUE LIDERARAM a contrarrevolução frente à teoria econômica keynesiana marcharam carregando uma faixa com os dizeres “Nos mercados confiamos”. No fim da década de 1960, começaram a convencer os formuladores de políticas de que a livre flutuação de preços em uma economia de mercado daria melhores resultados do que os obtidos pelos burocratas. Acreditavam que os defensores da economia ativista haviam superestimado a influência do governo e a própria competência. Diziam ainda que a gestão do capitalismo para melhorar a vida no planeta tinha acabado por piorar a situação.

Era necessária certa arrogância para anunciar uma forma melhor de fazer tudo, mas também havia um elemento contundente de modéstia. Os novos economistas não estavam alegando ter todas as respostas. Na verdade, estavam alegando não ter todas as respostas. Eles afirmavam que os formuladores de políticas deveriam sair do caminho em vez de tentar fazer boas escolhas. Os governos precisavam reduzir os gastos e a tributação, limitar a regulação e permitir que produtos e dinheiro se movimentassem livremente através das fronteiras. Quando políticas fossem necessárias – por exemplo, ao imputar o custo da poluição –, os governos deveriam se aproximar do funcionamento dos mercados com a maior fidelidade possível. “Se for factível criar um mercado para implementar uma política, nenhum formulador de políticas poderá se dar ao luxo de viver sem um”, escreveu J. H. Dales, um dos primeiros defensores do uso de mercados para reduzir a poluição, em 1968.²⁹

Essa convocação à fé nos mercados atraiu o apoio crucial de outros setores conservadores da vida americana no século XX.³⁰ O apelo foi particularmente profundo para o segmento da direita que se definia em oposição ao comunismo e defendia menos gastos públicos com tudo, exceto com defesa nacional. Liberais de meados do século escreveram sobre a ressurgência do conservadorismo como uma patologia roendo as bordas da sociedade. Porém, a historiadora Lisa McGirr observou que os focos do conservadorismo econômico se localizavam nos subúrbios do Sun Belt, o Cinturão do Sol, engordados pelos gastos com defesa nacional, incluindo Orange County, na Califórnia; Colorado Springs, no Colorado; e Cobb County, na Geórgia. Seus apoiadores eram pessoas cultas e prósperas que viam a si mesmos como “totalmente modernos”.³¹ Para eles, as coisas estavam indo muito bem e continuariam assim se o governo parasse de se meter. (Os dentistas de Orange County não reconheciam sua dependência do governo, que pagava os funcionários que realizavam uma limpeza dental com eles duas vezes ao ano.)

A economia era uma religião convicta. As fés anteriores viam a riqueza com maus olhos, porque, em geral, pressupunham que o prazer de uma pessoa vinha às custas do sofrimento de outras. E isso fazia sentido em um mundo no qual a produtividade pouco crescia com o passar do tempo: o sistema medieval de guildas limitava o ingresso de trabalhadores especializados porque, por exemplo, não havia tanta demanda de pão em Rouen assim.³² No entanto, Adam Smith reconheceu que a Revolução Industrial alterou essa realidade. Conforme a produtividade foi crescendo, a riqueza pôde ser acumulada, aumentando o tamanho da economia. Ser egoísta poderia ser bom para todos. É importante enfatizar que Smith não achava que o egoísmo era *sempre* bom para a sociedade. Mas a economia tem uma relação com seus textos fundadores bem parecida com a estabelecida por outras grandes religiões do mundo. O relato distorcido das palavras de Smith se tornou “A cobiça é boa”, que se provou um credo de sucesso mundial tanto entre os ricos quanto entre os muitos que aspiravam a se juntar a eles.

Os defensores da fé no mercado também desenvolveram uma íntima relação com a elite empresarial, o que não era tão inevitável quanto pode parecer olhando em retrospecto. Economistas conservadores como Friedman e seu amigo George Stigler de início expressaram temor pelo poder empresarial e argumentaram que a limitação da concentração empresarial era uma das poucas funções legítimas do governo. Alguns economistas conservadores

ainda fazem o mesmo, mas muitos decidiram se unir à causa das corporações contra o poder governamental. Os economistas forneceram ideias e as empresas forneceram dinheiro: financiando pesquisas, cátedras universitárias e *think tanks* como o National Bureau of Economic Research (Departamento Nacional de Pesquisas Econômicas dos Estados Unidos), o American Enterprise Institute e a Hoover Institution, na Universidade Stanford.

Em um famoso artigo de 1972, os economistas da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) Armen Alchian e Harold Demsetz descreveram as corporações como a apoteose do capitalismo – o melhor mecanismo possível para garantir que as pessoas fossem empregadas com eficiência e remuneradas de modo justo. Uma nota de rodapé informava aos leitores que os professores tinham chegado a essas conclusões com financiamento da gigante da indústria farmacêutica Eli Lilly.³³ Executivos de empresas e outros americanos abastados ficaram muito felizes de ver suas crenças e seus interesses formulados como verdades científicas.

ADEPTOS DO CONSERVADORISMO ECONÔMICO tinham uma relação mais complicada com o conservadorismo social da “direita religiosa” e com opositores a direitos civis para minorias. Alguns dos primeiros e mais importantes defensores da fé no mercado, em especial Friedman, vítima de antissemitismo na própria carreira acadêmica, declararam que os grupos minoritários deveriam acolher a virada para a lógica de mercado como a melhor defesa disponível contra a perseguição majoritária.³⁴ Os mercados facilitavam a harmonização de diversas necessidades e preferências, inibindo qualquer discriminação que não fosse pela capacidade de pagamento. Friedman e outros economistas renomados também expressaram pontos de vista que afligiam adeptos do conservadorismo social, incluindo o apoio à imigração, à legalização das drogas e aos direitos dos homossexuais.

Muitos apoiadores do conservadorismo social hesitaram em relação à campanha presidencial de 1964 do libertário Barry Goldwater; e muitos que abraçavam o conservadorismo econômico se incomodaram com a pauta racista da campanha presidencial de George Wallace em 1968. Porém, na década de 1970, os dois lados encontraram um consenso: tanto os defensores do conservadorismo social (que temiam por seus valores morais) quanto os do conservadorismo econômico (que temiam pelo valor de suas propriedades)

sentiram-se profundamente ameaçados pela expansão do Estado. Líderes religiosos, incluindo Robert Schuller, pastor da Igreja Comunitária Garden Grove, no Orange County, sintetizaram os dois tipos de conservadorismo ao caracterizarem a busca de riqueza como uma empreitada moral. Schuller chamava sua igreja de “shopping center de Deus” e dizia aos fiéis: “Vocês têm o direito concedido por Deus de serem ricos.” Um membro da congregação contou a Lisa McGirr que o pastor anterior “falava de Cesar Chavez [um líder sindical americano de ascendência mexicana, ativista dos direitos humanos] e do boicote contra os produtores de uvas e que ninguém quer ir à igreja para ouvir isso em lugar do Evangelho”.³⁵

O conservadorismo foi uma coalizão dos poderosos, defendendo o status quo de ameaças reais ou imaginárias. Essa aliança foi crucial para a geração de apoio político suficiente a políticas orientadas pelo mercado. Para o conservadorismo social, porém, os resultados foram mistos. A virada para a lógica de mercado tornou os Estados Unidos uma sociedade mais diversa e tolerante, mas também ajudou a limitar a velocidade e a magnitude desses avanços. A priorização da eficiência e do crescimento econômico proporcionou uma justificativa imparcial para a resistência a políticas redistributivas e programas de bem-estar social. E a discriminação econômica – não apenas tolerada, mas celebrada – foi em si um substituto poderoso e duradouro de outras formas de discriminação.

O historiador Daniel T. Rodgers observou que os economistas iniciaram uma mudança no discurso público: de disputas entre grupos para transações entre indivíduos.³⁶ Os economistas retratavam a sociedade como um campo nivelado e igualitário onde empresas e trabalhadores, por exemplo, interagem em pé de igualdade. Os indivíduos eram reimaginados como seres totalmente informados e empoderados, senhores dos próprios destinos. O gráfico mais icônico na economia, que ilustra a relação entre oferta e demanda, mostra um par de linhas curvas que se cruzam em um ponto X em um âmbito desprovido de história ou contexto.

A proeminência do mercado de capitais – talvez a coisa real mais próxima do ambiente de negócios ideal dos livros-texto – ajudou a solidificar a visão popular dos mercados como sendo cruéis porém justos, um estereótipo que tem combatido os esforços para tornar o mundo real um pouco menos injusto. Se uma família negra pegasse um empréstimo hipotecário de alto risco (*subprime*), a visão de mercado não levaria em consideração os pais e

avós que não conseguiram acumular riqueza, nem os credores tradicionais que se recusavam a conceder empréstimos no bairro, nem a dificuldade de encontrar e manter empregos que paguem salários decentes. A visão de mercado era a de que um credor e um mutuário fizeram negócio porque ambos esperavam se beneficiar com isso.

O CLUBE DOS ECONOMISTAS é um grupo diversificado. Qualquer lista que se preze inclui tanto Milton Friedman quanto Karl Marx, o que significa que a condição de membro não pode ser definida em termos do apoio a um conjunto específico de políticas. Ao descrever a influência de economistas sobre as políticas públicas, estou ciente de que alguns economistas se opuseram vigorosamente a cada uma das mudanças descritas neste livro. De fato, é bem provável que poucos economistas – se é que houve algum – tenham apoiado todas as mudanças relatadas aqui.

No entanto, penso ser possível falar dos economistas, em especial nos Estados Unidos da segunda metade do século XX, como uma comunidade homogênea. A maioria dos economistas americanos – e, em particular, aqueles que foram participantes influentes dos debates sobre políticas públicas – ocupou uma faixa estreita do espectro ideológico.

Os economistas americanos costumam ser divididos em dois grupos. Um deles está sediado em Chicago e defende a lógica de mercado para tudo, ao passo que o outro está sediado em Cambridge, Massachusetts, e defende a mão pesada do Estado. Por mais que se enfatizem essas distinções, os líderes dos dois grupos apoiam as mudanças-chave descritas neste livro. Apesar de a natureza tender para a entropia, eles compartilharam a confiança de que as economias tendem para o equilíbrio. Concordaram que a meta primordial da política econômica era aumentar o valor em dólares da produção econômica do país. Tiveram pouca paciência com esforços para tratar da desigualdade.

Uma pesquisa de 1979 com os membros da Associação Econômica Americana revelou que 98% se opunham a controles nos valores dos aluguéis, 97% se opunham a tarifas no comércio entre países, 95% defendiam taxas cambiais flutuantes e 90% se opunham a leis de fixação do salário mínimo.³⁷ As diferenças entre eles eram uma questão de grau e, apesar de essas diferenças serem significativas – e estarem descritas neste livro –, o grau de con-

senso também era significativo. Críticas ao capitalismo, que permaneceram um elemento básico do debate predominante na Europa, raramente foram ouvidas nos Estados Unidos. A distinção é bem resumida pelo cientista político Jonathan Schlefer: “Cambridge, na Inglaterra, viu o capitalismo como inerentemente problemático; Cambridge, em Massachusetts, acabou vendo o capitalismo como meramente carente de um ‘ajuste fino.’”³⁸

Em tempo: o consenso americano mudou os limites do debate em outros países também.

As verdadeiras diferenças entre liberais e conservadores em relação à política econômica tenderam a obscurecer o tamanho do apoio dado pelo Partido Democrata – e pelos principais partidos de centro-esquerda em outros países desenvolvidos – à priorização da eficiência econômica. Os conservadores foram com frequência os reformadores mais eficazes, o que um dinâmico Benjamin Disraeli resumiu na frase “Homens conservadores, medidas liberais”. Porém, nas últimas décadas, conforme as reformas foram tomando um rumo conservador, os liberais com frequência conduziram a marcha para metas que os conservadores não conseguiriam atingir por si sós. Nos Estados Unidos, a redução da tributação começou no governo Kennedy e a redução da regulação, no governo Carter. Na Grã-Bretanha, o primeiro-ministro trabalhista James Callaghan declarou mortas as ideias keynesianas em 1976. Na França, o presidente François Mitterrand, um socialista, impôs austeridade fiscal para preparar o país para a união monetária com a Alemanha.

O colapso da União Soviética solidificou esse consenso político. A divisão do mundo entre sociedades comunistas e capitalistas foi um dos grandes experimentos naturais da história, e os resultados pareceram claros. “Acabou a Guerra Fria, e a Universidade de Chicago foi a vencedora”, exultou o colunista americano conservador George Will em 1991.³⁹ Os líderes de partidos de centro-esquerda que chegaram ao poder na década de 1990, como Bill Clinton nos Estados Unidos e Tony Blair no Reino Unido, deram, em grande medida, prosseguimento às políticas econômicas de seus predecessores conservadores. O capitalismo assumiu o monopólio no mercado de ideias, com consequências previsíveis: na falta de alternativas, ficou difícil reunir a determinação para lidar com as deficiências evidentes.

Nos últimos anos do século XX e na primeira década do século atual, a revolução da confiança no mercado chegou ao apogeu. Restrições políticas e sociais ao papel dos mercados foram postas de lado. Os governantes recuaram

dos esforços de regular o mercado, investir na prosperidade futura ou limitar a desigualdade. A importância do crescimento econômico se tornou a coisa mais próxima de um *éthos* americano – como o presidente George W. Bush disse à nação após os ataques do Onze de Setembro: “Precisamos confrontar o terror voltando ao trabalho.”

O triunfo da economia de livre mercado é às vezes ilustrado por uma imagem de satélite da península coreana à noite – com a metade sul iluminada por energia elétrica e a metade norte às escuras como o oceano ao redor. É uma imagem poderosa, mas sua importância tem sido com frequência deturpada. Assim como outras nações ricas, a Coreia do Sul alcançou a prosperidade guiando cuidadosamente sua economia. Esta é a história do que aconteceu quando as nações decidiram tirar as duas mãos do volante.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (600 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (2 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (400 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (450 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (400 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (200 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (200 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (350 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

